

PITIOSE EQUINA – RELATO DE CASO

ODS (3)

Diorrana Rico Saraiva (Universidade de Taubaté)

Sofia Louise Rodrigues dos Santos (Universidade de Taubaté)

Caio do Nascimento Silva Santos (Universidade de Taubaté)

Luis Arthur Fonseca Moric Araujo (Orientador - Universidade de Taubaté)

A pitiose é uma enfermidade infecciosa, que acomete principalmente equinos, sendo causada pelo oomiceto *Pythium insidiosum*, um microrganismo pertencente ao filo *Oomycota*. O ciclo infeccioso se inicia quando os zoósporos de *P. insidiosum*, presente nos caramujos (hospedeiros intermediários) entram em contato com tecidos lesionados da pele do animal. Esses esporos invadem o organismo e se desenvolvem no tecido subcutâneo, gerando uma intensa reação inflamatória com formação de lesões características. Os sinais clínicos incluem lesões cutâneas ulcerativas, granulomatosas e exsudativas, frequentemente localizadas em regiões distais dos membros, abdômen ventral ou região torácica. Essas lesões costumam apresentar bordos elevados, aspecto friável, presença de tecido necrótico e um exsudato espesso bem característico. O objetivo deste trabalho é apresentar um relato de caso sobre pitiose, uma zoonose de relevância à saúde única, e considerar diferentes tratamentos e seus desafios quando associado a outras afecções. Em janeiro de 2020, na cidade de Taubaté, um garanhão da raça Mangalarga Marchador apresentou uma ferida aberta no membro anterior esquerdo, que evoluiu após contato com regiões alagadiças. Inicialmente, foi realizado tratamento com spray cicatrizante (matabicheiras), mas a lesão progrediu. Foram consultados dois médicos veterinários que, sem diagnóstico preciso, optaram por cauterizar a ferida e instalaram dispositivos improvisados para evitar a autotraumatização, além de recomendar lavagem frequente e uso de sulfato de cobre e iodo povidine. Apesar dos cuidados, o quadro clínico se agravava. O animal apresentava emagrecimento acentuado atingido 235kilos, fraqueza, ferida extensa com necrose de tecidos, presença de secreção e sinais de infecção secundária. Não foram realizados exames laboratoriais inicialmente. O diagnóstico foi baseado nos sinais clínicos e histórico de evolução. Pitiose Equina foi confirmada clinicamente pelo terceiro médico veterinário consultado, baseado nos sinais característicos da lesão, no histórico de exposição a água contaminada e na evolução clínica do caso. Após o diagnóstico correto, o manejo da ferida foi realizado de acordo com sua fase de cicatrização. Foi instituída suplementação nutricional devido ao quadro de caquexia (emagrecimento extremo). Posteriormente, devido à piora clínica, foi realizada cirurgia para retirada do tecido infectado em clínica especializada. O animal, já debilitado, apresentou dificuldades no pós-operatório, inclusive queda em vala e incapacidade de se levantar. Apesar da cirurgia, o prognóstico reservado associado à afecções concomitantes resultaram em óbito em julho de 2020. O tratamento requer uma conduta individualizada, considerando a extensão e localização da lesão, tempo de evolução e condição clínica do animal. A excisão cirúrgica persiste como primordial método terapêutico, sendo mais eficiente em lesões pequenas e superficiais, particularmente quando conciliada com tratamentos complementares. Entre essas abordagens, destacam-se o uso de antifúngicos, iodetos, laser, perfusões regionais e, mais recentemente, a imunoterapia. Ainda, a resposta ao tratamento é variável, e casos avançados mostram maior dificuldade de controle. Assim, o diagnóstico precoce e a utilização de terapias combinadas são indispensáveis para melhorar o prognóstico e as possibilidades de recuperação.

Palavras-Chave: Diagnóstico; lesões cutâneas; *Pythium insidiosum*